

## EXPERIÊNCIAS DISCRIMINATÓRIAS E RACISTAS VIVENCIADAS NO ENSINO MÉDIO POR JOVENS UNIVERSITÁRIOS NEGROS E PARDOS

Vitória Martins Rodrigues<sup>1</sup>  
Karliany Pires Carneiro Ferreira<sup>2</sup>  
Sirlon Martins da Silva<sup>3</sup>

sirlonsemiotica@hotmail.com

**ÁREA DO CONHECIMENTO:** Ciências Sociais

### RESUMO

A Discriminação racial no Brasil foi desencadeada pela escravidão e tem estado presente no dia a dia como produto de uma construção social e cultural histórica. O presente trabalho tem como objetivo descrever as experiências discriminatórias e racistas vivenciadas no ensino médio por jovens universitários negros e pardos. Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa ao qual o material empírico foi produzido através da aplicação de questionários. O público-alvo da pesquisa foi estudantes universitários autodeclarados pardos e negros, tendo como critério utilizado para a participação estar cursando ensino superior. Os resultados obtidos nessa pesquisa evidenciaram que o índice dos jovens participantes da pesquisa que já sofreram algum tipo de discriminação racial pelo menos uma vez durante o ensino médio é consideravelmente alto, tais práticas de discriminação eram reproduzidas por estudantes, funcionários da escola e pais de alunos. Evidenciou também que, após esses atos racistas, foram desencadeados alguns prejuízos na vida social de alguns dos participantes. Assim, é perceptível que o racismo ainda é cada vez mais presente na vida escolar de jovens estudantes negros e pardos e conseqüentemente influenciando negativamente a sua vida. O ambiente escolar é um meio que silencia e reproduz formas e métodos exclusão e discriminação. Sendo assim é necessário que haja políticas públicas para o combate a essas ações discriminatórias no ambiente educacional.

**PALAVRAS-CHAVE:** discriminação racial; racismo; preconceito, ensino médio, estudante

### INTRODUÇÃO

Segundo Santos (2001, p.02) “a discriminação racial acontece por existir pessoas que se sentem superiores as outras, só por não se enquadrarem em um padrão considerado ideal”. A discriminação racial tem seu início nos meados de 1530,

<sup>1</sup> Graduanda do 9º Período do curso de Psicologia, Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX- Matipó

<sup>2</sup> Graduanda do 9º Período do curso de Psicologia, Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX- Matipó

<sup>3</sup> Especialista, Graduado em Psicologia, Professor do Curso de Psicologia, Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX- Matipó

na era da escravidão de negros em todo território brasileiro, era esta que perdurou oficialmente até o ano de 1888. Entretanto, com o fim da escravidão não se findou a discriminação, apenas fez com esta estivesse cada vez mais presente na vida da população negra do país. Atualmente o Brasil é considerado um dos maiores países preconceituosos do mundo, mesmo tendo a diversidade populacional em seu território (SOUZA-FILHO, MARTINS, 2022). O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), conforme pesquisa de 2019, aponta o Brasil como o país mais negro fora da África, atualmente composto por 56,10% de sua população de pessoas negras (IBGE, 2019).

Como a discriminação não encerrou com a escravidão, Bujato e Souza (2020) relatam que ações discriminatórias ocorrem geralmente em ambiente como escolas, empresas, órgãos públicos, dentre outros. Ocorrem de maneira implícita, através de perseguições e exclusões no ambiente em que o sujeito está inserido, mas sempre colocando a pessoa negra em desvantagem aos outros, causando sentimento de insuficiência e incapacidade.

A pessoa negra, muitas vezes, tem lutado por seus direitos e conquistado seu lugar de fala, combatendo a discriminação. Políticas públicas como a criação da lei federal nº 12.711/2012, intitulada como lei de cotas, que tem como objetivo ampliar o acesso ao ensino superior a jovens negros de periferias e indígenas (BRASIL, 2012), são instrumentos importantes nessa luta diária.

No estudo de Valério *et. al* (2021) jovens relatam que sofrem discriminação racial de forma velada, através de olhares e exclusões, quanto maior à pigmentação da melanina de sua pele, maiores são as vivências de racismo sofridos no meio acadêmico.

O exposto desperta para a reflexão sobre as diferentes formas de discriminação nos diferentes ambientes sociais. E desta forma, é importante refletir sobre a discriminação que jovens negros sofreram no período do Ensino Médio. Neste sentido, a questão a ser indagada nesta pesquisa é: quais as experiências discriminatórias e racistas vivenciadas no ensino médio por jovens universitários negros e pardos?

O presente trabalho teve como objetivo descrever as experiências discriminatórias e racistas vivenciadas no ensino médio por jovens universitários negros e pardos.

A discussão sobre a discriminação é uma pauta que está sempre presente nos meios sociais e torna-se relevante, sob o olhar da psicologia, para a busca de estratégias que podem amenizar o sofrimento de jovens, orientar novas práticas educativas e promover o bem-estar no meio educacional.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

No ano de 1951 foi decretada a Lei nº 1.390 que inclui contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceitos de raça ou de cor. A Lei Afonso Arinos, nº 1.390, sancionada pelo presidente Getúlio Vargas, foi incrementada no ano de 1985, pelo presidente José Sarney. De acordo com Brasil (1985) a Lei 7.437 inclui entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil, entrando em vigor no dia 20 de dezembro de 1985 (BRASIL, 1951).

Mesmo após a criminalização do racismo, a população negra do Brasil ainda sofre continuamente violências devido ao seu tom de pele, como agressão psicológica, moral, física e verbal, além de vivenciarem impedimentos provenientes do racismo em variados âmbitos, os mais frequentes e visíveis são no mercado de trabalho e no ambiente educacional (RODRIGUES, OLIVEIRA e FERNADES, 2021).

No meio educacional Felizardo e Langoski, (2021, p.05) relataram que “os alunos negros são os que mais apresentam dificuldade”. O que dificulta ainda mais a sua permanência na escola. Movimentos negros têm lutado anos para exigir mudanças nas áreas da educação e legislações, proporcionando políticas públicas acessíveis a essa população.

Segundo Ortega (2021), o ensino médio é um momento de expectativa e transformação, é uma etapa conhecida como o período em que o estudo fica “puxado”, em que não se pode ser nem tão criança nem tão adulto, e em que é preciso pensar no futuro. É também um tempo de mudanças, da voz, do cabelo, do corpo, do

comportamento, dos amigos, das ideias, nessa fase tudo pode ser esperado, é um momento em que o jovem passa por sua transição, mudanças em geral.

Para Menezes (2003), as práticas de racismos causam, em muitos jovens negros, sentimento de não pertencimento na sociedade levando a uma postura introvertida, por medo da ridicularização e da exclusão. A autora destaca ainda que ações e posturas preconceituosas direcionam a um desenvolvimento de despersonalização do seu eu e dos caracteres africanos, dificultando o seu autoconhecimento individual ou cultural, comprometendo a sua autoestima.

Para Cintra e Weller (2021), na escola ainda há reprodução de atos discriminatórios e racistas, assim como acontecem em outros segmentos sociais. Para eles, o espaço escolar ainda é um ambiente silenciador e reprodutor de estruturas de exclusão. Embora existam políticas públicas que favoreçam o diálogo e a construção de uma sociedade não excludente dentro da escola.

Uma política pública que reforça os autores é respaldada pela lei nº 10.639/2003, que inclui, no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9.394/96), a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. (BRASIL, 2003).

Ao observar as desigualdades sociais do Brasil, nota-se que, no âmbito da educação, as diferenças entre a situação educacional com relação a negros e brancos mostra o jovem negro com visível atraso educacional. Este atraso pode ser reflexo de um sistema educacional e social que funciona em ciclos de desvantagens cumulativas. Para a autora, estes ciclos são construídos “intergeracionalmente, destacando-se, o preconceito racial dentro das escolas, a centralidade de currículos colonizados e acríticos e a outrificação desses sujeitos.” (KILOMBA, 2019).

O preconceito é entendido como uma forma discriminatória que acontece de acordo com características específicas de um determinado grupo social. O racismo é uma forma sistemática seja consciente ou inconsciente promovendo a segregação e humilhação das pessoas, apenas pelo fator determinante de seu tom de pele. Nas instituições de ensino superior pode-se perceber o racismo em sua forma velada, através das exclusões, falta de acesso e informações, situações acadêmicas humilhantes dentre vários outros fatores (FREDRICH *et al*, 2022).

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem quantitativa. No que se referem a pesquisas de cunho descritivo, Oliveira (2011) afirma que seu objetivo é na descrição das características de determinado fenômeno estudado, assim podendo-se estabelecer relação entre as variáveis.

De acordo com Rodrigues, Oliveira e Santos (2021), pesquisas quantitativas têm como objetivo investigar um problema/fenômeno humano ou social. Este método baseia-se na avaliação de teorias, assim fazendo-se o estudo de diversas variáveis e dados quantificados registrados a partir de números e apresentados em formas de estáticas para determinar se essas teorias se sustentam. Assim, podendo ser utilizada para quantificar estatísticas de indicadores socioeconômicos, perfil populacionais, comportamento dos sujeitos, preferências, dentre vários outros tipos de fenômenos.

A coleta ocorre a partir da aplicação de um questionário sociodemográfico contendo 05 questões referentes à discriminação racial sofrida, no período do Ensino Médio, por universitários de Instituições de Ensino Superior do Estado de Minas Gerais.

O instrumento para pesquisa foi um questionário eletrônico, formulado na plataforma *Google Forms*, buscando a praticidade e o conforto para o participante. As perguntas foram baseadas na pesquisa “Se eu não sou negra, eu sou o quê? da importância de discutirmos discriminação racial, interseccionalidade e empoderamento em sala de aula”, do pesquisador Icaro Amorim Martins, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. O instrumento base foi escolhido por contemplar objetivo análogo ao desta pesquisa, uma vez que os pesquisadores objetivavam analisar a percepção identitária do jovem negro (MARTINS, 2018).

O questionário segundo Chaer, Diniz e Ribeiro (2011), é definido como técnica de investigação de que compõe um determinado número de questões a serem respondidas, tendo como objetivo coletas informações referente a determinado fenômeno que se aplica a determinado grupo social. As vantagens em se aplicar um questionário em pesquisas são que tem a possibilidade de abranger maior número de

peçoas, garante o sigilo e o anonimato das peçoas participantes da pesquisa, dentre outros.

Por meio do questionário, elaborado através do *Google Forms* e disponibilizado pelos pesquisadores, para seus grupos de contato social, por meio de redes sociais, a pesquisa se desenvolve utilizando o método bola de neve, a qual cada universitário que responder o questionário reencaminha o mesmo para mais um possível alvo de pesquisa. A pesquisa foi realizada em maio de 2023.

O método bola de neve (Snowball) segundo Vinuto (2014) é uma nova forma de coleta de amostra que é considerada não probabilística, isso se dá ao fato de que por esse método não é possível determinar probabilidade de acontecimento de um evento, mas é útil para que se possam alcançar grupos difíceis de seres acessados durante a pesquisa.

A expectativa da pesquisa era obter a informação de no mínimo 50 e no máximo 100 estudantes universitários autodeclarados pardos e negros e que concordem a participar da pesquisa mediante ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Os dados obtidos foram organizados no *Microsoft Excel* e realizada estatística descritiva. Seguimos os critérios da Lei 466/2012 referente ao compromisso ético da pesquisa com seres humanos, considerando o respeito pela dignidade humana.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O questionário disponibilizado aos universitários buscava compreender e analisar as evidências de discriminação racial sofrida pelos mesmos no período do Ensino médio. Este questionário obteve 64 respostas de jovens considerados pardos e negros. Dentro da população da pesquisa, 37,5% era composto pelo gênero masculino e 62,5% feminino. 70,5% trabalham e cursam o ensino superior e 29,5% apenas cursa o ensino superior.

No que diz respeito às áreas de estudos dos participantes dessa pesquisa ao quais 6,2% cursam licenciatura, 12,5% cursam áreas sociais, 65,6% cursam áreas da saúde, 1,6% cursam ciências exatas e 14,1% cursam outras áreas.

Ingressar no ensino superior em meados dos anos 1990 era composto e beneficiado majoritariamente pelas classes mais ricas do país, isso se dava ao fato da falta de acessibilidade de jovens periféricos e de classe social baixa não terem as mesmas oportunidades que os jovens da classe média. Com as políticas públicas desenvolvidas pelo governo federal, houve um aumento significativo de jovens ingressando nas instituições de ensino superior (PEREIRA e TAVARES-JUNIOR, 2020).

Trópia e Souza (2023) complementam que tais políticas públicas facilitaram e vem facilitando nos dias atuais. O que antes era algo considerado impossível hoje em dia esses jovens têm acesso a ensino de qualidade, tendo assim uma diversidade de perfis de estudantes nas universidades.

A seguir será apresentado a tabela 01 referente á como os participantes se identificam quanto a sua cor e raça.

**Tabela 01:** Identificação racial dos jovens universitários.

<b>Cor e raça</b>	<b>%</b>
Preto	42,2
Pardo	51,6

**Fonte:** Dados da Pesquisa

De acordo com Matos e França (2021), jovens negros foram impedidos de ingressar no meio educacional há vários anos e isso vem se repercutindo até os dias atuais, ao qual percebe-se que, no ano de 2017, o índice de crianças que foram impossibilitadas de acessar ao seu direito a educação era cerca de 5,6% para crianças brancas e 7% para crianças negras.

As primeiras questões discutidas referem-se à vivência de racismo próprio ou de terceiros no ensino médio. Ao quais estes foram os resultados obtidos:

**Tabela 02:** Vivências de Racismo no Ensino Médio

<b>Alternativa</b>	<b>%</b>
Vivenciou racismo no Ensino Médio	79,5
Não vivenciou racismo no Ensino Médio	7,8
Não lembro	12,5
Racismo praticado por professores	12,9
Racismo praticado por outros funcionários da Escola	6,4
Racismo praticado por pais ou responsáveis	11,3
Racismo praticado por outros estudantes	69,4

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Frente a isso a autora Silva (2019) afirma que no ambiente escolar a discriminação surge a partir de diversos contextos, esses como: o difícil acesso de negros à educação de qualidade, o estigma do negro dentro da sala de aula, o racismo velado e o racismo praticado através do *bullying*.

De acordo com Cintra e Weller (p. 07, 2021) “o racismo associa diretamente características intelectuais, psicológicas e morais de um dado grupo a suas características físicas ou biológicas”.

No que diz respeito a práticas discriminatórias racistas praticadas no ambiente escolar a tabela evidencia que o grande índice de pessoas que praticam racismo na escola são estudantes das escolas. Isso pode vir a ocorrer concomitante com as práticas de *bullying* existente nas unidades escolares.

Através dos estudos de Matos e França (2021) pode-se evidenciar que o racismo no contexto escolar é reproduzido por estudantes juntamente com o *bullying* através de brincadeiras, apelidos, piadas e xingamentos.

Já segundo Felizardo e Langoski (2021) racismo no meio educacional além de ser praticado por estudantes, é reproduzido também por funcionários da escola como professores, diretores, supervisores e outros funcionários. Geralmente esta forma de racismo é velada através de falas e ideias de que alunos negros vão a escolar para causar problemas, ou são irresponsáveis e que vão ali apenas para fazer a sua refeição, há ainda falas que estigmatizam os negros como os alunos com maior dificuldade de aprendizagem.

Outra questão abordada no questionário aos participantes da pesquisa foi sobre as práticas racistas e se tais afetaram negativamente a sua vida. Os dados obtidos mostram que as práticas vivenciadas no ensino médio por estes universitários não afetaram negativamente a sua vida atualmente, porém há aqueles participantes que são afetados até os dias atuais devido às práticas discriminatórias vivenciadas no período escolar.

**Tabela 03:** Efeitos do racismo sofrido no ensino médio.

<b>Alternativas</b>	<b>%</b>
Não afetaram negativamente a sua vida	48,4

Afetaram negativamente somente a sua vida escolar	14,1
Afetaram negativamente somente a vida social	10,9
Afetaram negativamente toda a sua vida	26,6

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Nos estudos de Ortega (2021), sabe-se que os atos discriminatórios e racistas influenciam na saúde mental da população negra, principalmente nos jovens negros que estão em construção da sua identidade, ocasionado muitas das vezes à perda da sua identidade e subjetividade.

Os autores Matos e França (2021) afirmam que as práticas discriminatórias de racismo no ambiente escolar favorecem com maiores índices de evasão escolar, fracasso nas atividades e reprovação escolar de estudantes negros. Assim, percebe-se que o racismo impacta de forma direta a vida dos jovens enquanto estudantes e, também, em sua vida adulta em diversas outras áreas.

Foi questionado aos participantes da pesquisa se em algum momento em seu ensino médio estes sentiram-se vítimas da discriminação racial ou de racismo, no qual evidencia que 51,6% afirmam nunca ter sofrido e 45,3% afirmam ter sofrido racismo durante o seu período escolar no ensino médio.

**Tabela 04:** Sentimento de discriminação racial ou racismo no Ensino Médio.

<b>Alternativas</b>	<b>%</b>
Sim, uma única vez	0,0%
Sim, algumas vezes	35,9%
Sim, várias vezes	9,4%
Não	51,6%

**Fonte:** Dados da Pesquisa

Na pesquisa elaborada pelo autor Silva (2019) com alunos do ensino médio sobre racismo no ambiente escolar, observou-se que os alunos definem que o racismo é um ato de exclusão, preconceito, xingamentos, violência e discriminação por razão da cor da pele. Estes ainda afirmam que o racismo ainda está presente na vida cotidiana dos brasileiros, inclusive e ambientes educacionais.

A última questão levantada no questionário foi referente ao sentimento de ser negro durante o ensino médio ao quais as respostas obtidas foram:

**Tabela 05:** Considerando o seu ensino médio, em algum momento qual a alternativa melhor expressa sua opinião sobre ser negro.

Sentimento	%
Bom	41,3%
Ruim	15,9%
Indiferente	42,8%

**Fonte:** Dados da Pesquisa

A partir desses dados pode-se compreender que este grupo de participantes não tiveram uma experiência ruim enquanto estudantes negros no ensino médio. No estudo postulado por Martins (2019), observou-se que os estudantes que participaram da pesquisa tinham certa aversão em se autodeclarar como negros, isso devido ao fato do peso histórico da cor negra na sociedade e ser interpretado com teor estigmatizado como ruim no meio escolar.

Em complemento aos dados obtidos pode-se evidenciar a partir de estudos de Souza-Filho e Martins (2022) que com os efeitos do racismo na vida dos estudantes em sua vida social e escolar pode acarretar complicações no desenvolvimento de sua identidade étnico-racial, subjetividade e personalidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Não há como a sociedade mascarar a discriminação racial existente em nosso meio, este tipo de discriminação está em todos os âmbitos da vida do sujeito, seja no trabalho, na vida social e na escola. A partir dos dados apresentados, pode-se comprovar que no meio educacional, sobretudo no ensino médio, tal realidade não é diferente, mostrando que as vivências de jovens universitários negros e pardos no ensino médio foram marcadas pela discriminação racial.

Sendo assim, essa vivência de discriminação e racismo acarreta em sua vida adulta diversos tipos de comprometimento, tanto em sua personalidade, quanto na sua autoimagem. Podendo assim gerar de transtornos mentais, como ansiedade e depressão.

Pela pesquisa percebe-se que o racismo vivenciado no período do ensino médio pode influenciar negativamente na vida dos jovens universitários. Trata-se de um campo de estudo pouco explorado que precisa ter mais trabalhos e pesquisas desenvolvidas. Também se torna necessário pensar em estratégias de combate ao racismo e de programas de apoio a vítimas em ambientes acadêmicos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Nº 12.711 de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. **Presidência da República Casa Civil**. Brasília, DF. Disponível em <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm)>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

BRASIL. Lei nº 7.437, de 20 de dezembro de 1985. Inclui, entre as contravenções penais a prática de atos resultantes de preconceito de raça, de cor, de sexo ou de estado civil, dando nova redação à Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951 - Lei Afonso Arinos. **Presidência da República Casa Civil**. Brasília, DF. Disponivem em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l7437.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7437.htm)>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

BRASIL. Presidência da República. Lei no10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília, DF: **Presidência da República**, 9 jan. 2003. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm)>. Acesso em: 28 Abr. 2023.

BUJATO, Isabela Ariane; SOUZA, Eloisio Moulin de. O contexto universitário enquanto mundo do trabalho segundo docentes negros: diferentes expressões de racismo e como elas acontecem. **Revista eletrônica de admiração**. Porto Alegre, Vol. 26, nº 1. p. 210–237. 2020.

CHAER, Galdino; DINIZ, Rafael Rosa Pereira; RIBEIRO, Elisa Antônia. A técnica do questionário na pesquisa educacional. **Evidência**, Araxá, v. 7, n. 7, p. 251-266, 2011.

CINTRA, Éllen. Daiane; WELLER, Willian. Jovens negras no Ensino Médio público e privado: leituras interseccionais sobre suas vivências e percepções do racismo. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, p. 01-23, 2021.

FELIZARDO, Alex Michael de Lima; LANGOSKI, Deisemara Turatti. Políticas públicas educacionais para negros: Uma análise sob a óptica das escolas estaduais do Município de Santana do Livramento – RS. **UNIPAMPA**, Santana do Livramento, p. 01-22, 2021.

FREDRICH, Vanessa Cristine Ribeiro; COELHO, Izabel Cristina Meister; SANCHES, Leide da Conceição. Desvelando o racismo na escola médica: experiência e enfrentamento do racismo pelos estudantes negros na graduação em Medicina. **Trabalho, educação e saúde**. Rio de Janeiro, vol. 20, p. 01-14, 2022.

FREDRICH, Vanessa Cristine Ribeiro; SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos dos; ROCHA, Tamires de Paiva ; SANCHES, Leide da Conceição. Percepção de racismo

vivenciado por estudantes negros em cursos de Medicina no Brasil: uma revisão integrativa da literatura. **Interface**, Botucatu, Rio de Janeiro, vol. 20, p. 01-19, 2022.

IBGE. **Censo Demográfico**, 2021. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/matipo.html>>. Acesso em 06 Mar 2023.

IBGE. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. 2019. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/25844-desigualdades-sociais-por-cor-ou-raca.html>>. Acesso em: 06 Mar 2023.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, Rio de Janeiro, 1º Edição, p. 01-126. 2019.

MARTINS, Ícaro Amorim. Se eu não sou negra, eu sou o quê?: da importância de discutirmos discriminação racial, interseccionalidade e empoderamento em sala de aula. **SEDUC**. 112f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

MATOS, Patrícia Modesto; FRANÇA, Dalila Xavier de. Implicações do racismo no processo educativo de estudantes negros. **Revista Educere**. Vol. 16, nº 40 p. 01-18, 2021.

MENEZES, Waléria. O preconceito racial e suas repercussões na instituição escola. **Cadernos de Estudos Sociais**, v. 19, nº 1, 2011.

OLIVEIRA, Maxwell Ferreira de. Metodologia científica: um manual para a realização de pesquisas em Administração. **Universidade federal de Goiás**, Catalão, p. 01-73, 2011.

ORTEGA, Anna. **Estudantes do Ensino Médio relatam como é ser adolescente na Pandemia**. Rio Grande do sul, 15 set 2021.

RODRIGUES, Joziélia Souza Guimarães; OLIVEIRA, Jussara da Silva; FERNANDES, Marinalva Nunes. Políticas Públicas e Educação Étnica Raciais no Sertão da Bahia. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 30, n.02, p. 185-204, 2021.

RODRIGUES, Tatiane Daby de Fatima Faria; OLIVEIRA; Guilherme Saramago de; SANTOS, Josely Alves dos. As pesquisas qualitativas e quantitativas na educação. **Revista Prisma**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 154-174, 2021.

SILVA, Luana Lima Bittencourt. Racismo no ambiente escolar: vivências de jovens estudantes do ensino médio no campo em belo campo. **REVASF**. Petrolina-Pernambuco, vol. 9, n.20, p.65-102, 2019.

SOUZA-FILHO, Edmundo Fernandes; MARTINS, Edna. Contribuições da teoria histórico-cultural para a compreensão das questões raciais na educação escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 48, n. contínuo, p.01-18, 2022.

VALÉRIO, Ana Cristina de Oliveira *et. al*; Racismo e participação social na universidade: experiências de estudantes negras em cursos de saúde. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. 01-19, 2021.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n.44, p. 203-220, 2014.